

O Día das Letras no sistema literario galego. O caminho para o reconocimento da autoridade da Academia

Roberto López-Iglésias Samartim

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM, ROBERTO (2011 [2003]). “O Día das Letras no sistema literario galego. O caminho para o reconocimento da autoridade da Academia”. *Forum*: 33, 59-69. Reedición en *poesiagalega.org. Aruivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/373>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM, ROBERTO (2003). “O Día das Letras no sistema literario galego. O caminho para o reconocimento da autoridade da Academia”. *Forum*: 33, 59-69.

* Edición dispoñible desde o 7 de marzo de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

© O copyright dos documentos publicados en *poesiagalega.org* pertence aos seus autores e/ou editores orixinais.

O *Dia das Letras* no sistema literário galego. O caminho para o reconhecimento da autoridade da Academia*

Roberto López-Iglésias Samartim

O objectivo das minhas palavras é tentar explicar brevemente a função que o DIA DAS LETRAS GALEGAS desempenhou e desempenha no Sistema Literário da Galiza desde a sua institucionalização por parte da Real Academia Galega (RAG) em 17 de Maio de 1963, e como esta celebração cumpre um destacado papel no reconhecimento dumha autoridade da Academia nem sempre admitida pacificamente por vários dos grupos que também se postulam desde os anos sessenta como agentes normalizadores dum sistema cultural periférico como o galego.

* Este texto, redigido de acordo coas normas propostas pola Asociación Galega da Língua (AGAL) para a escrita do galego, recolle no básico a conferência que, sob o título O *DIA DAS LETRAS NO SISTEMA LITERÁRIO GALEGO*, foi pronunciada no dia 23 de Maio de 2003 no Museu Nogueira da Silva a convite da Biblioteca Pública de Braga e do Centro de Língua e Cultura Galegas da Universidade do Minho.

Para compreendermos algumha cousa do que significou e significa o Dia das Letras no Sistema Literário Galego, devemos recuar un século até a criaçom da RAG em 1905 polos agentes do galeguismo liberal apoiados, principalmente no económico, polo enclave da emigraçom localizada na Habana; criaçom na qual jogárom um destacado papel figuras como Manuel Curros Enríquez ou Fontenla Leal. Permitam-me esta viage para indicar que a criaçom da, na altura, Academia Gallega (Real desde o ano seguinte), significalou para este galeguismo umha conquista definitiva e um ponto de chegada porque entendia que con este organismo encarregado de velar polo conhecimento da historia, da literatura e da lingua galegas, a Galiza contava já con um elemento institucional necesario para se homologar con outros sistemas normalizados proximos, nomeadamente co espanhol.

Mas a fundaçom da RAG significa sobretodo umha vitória (ainda que precaria) dos partidarios da criaçom dum sistema cultural autónomo na Galiza nucleados en volta da figura de Manuel Murguia, patriarca das letras galegas e home de Rosalia de Castro, na luta desenvolvida ao longo da segunda metade do século XIX para a institucionalizaçom dos seus postulados en oposición aos agentes defensores dum sistema regionalizado e dependente do espanhol, agentes entre os quais ocupa um lugar de destaque a escritora Emilia Pardo Bazán, que pretende controlar a nova instituiçom para afiançar a sua posición persoal no sistema literário espanhol.

Porém, a Academia nasce fortemente debilitada nas suas aspirações galeguistas por causa da confrontaçom entre estes dous grupos. Dum lado, os agentes do galeguismo trabalham decididamente na criaçom de instituições próprias e na reabilitaçom da língua galega, considerada elemento distintivo fundamental e material chave e definidor dum sistema cultural autónomo e diferenciado do espanhol, e procuram en Portugal, entendido como *referente de reintegraçom*¹, o reforço necesario para a consecuçom dos seus fins. Doutro lado, os espanholistas tentam secundarizar o *proto-sistema* galeguista, convertê-lo num *subsistema* do espanhol, e utilizam materiais galegos temáticos ou lingüísticos para se posicionarem por via do exotismo no sistema hispano, oponhem-se frontalmente ás tentativas de criaçom por parte dos primeiros dum *intersistema cultural* galego-luso-brasileiro e negam á língua da Galiza a condición de *norma sistémica*, isto é, de baliza delimitadora da pertença ao

sistema cultural galego em construçom tal como pretendiam os galeguistas. Nesta situaçom, a fundaçom da Academia é o resultado dum pacto entre estes dous sectores, o do seu primeiro presidente Manuel Murguia e o da sua presidenta de honra, a condessa de Pardo Bazán, em cuja casa corunhesa está a sede da RAG desde 1979; umha RAG que cai na indigênciia mais absoluta (política, material e humana) já com anterioridade à morte do patriarca em 1923, e que nom terá apenas incidênciia na cena cultural da Galiza desde a sua criaçom até a celebraçom do primeiro Dia das Letras Galegas em 17 de Maio de 1963.

Co fim da Guerra Civil em 1939 acabam taméms os projectos regeneradores do galeguismo cultural e político da geraçom Nós, nucleada em volta de Afonso Daniel Rodríguez Castelao e de Alexandre Bóveda. Despois da Guerra, despois do assassinato ou do exílio dos agentes mais lúcidos e activos do galeguismo, a reivindicaçom da cultura galega traslada-se para o exterior (principalmente para Buenos Aires) e aqueles agentes que tinham ficado no interior vem-se obrigados a um silêncio que chegará até o ano de 1950 em que morre Castelao no exílio e o galeguismo do interior decide abandonar definitivamente a dificultosa linha da reivindicaçom política para se centrar na luta cultural. Com este fim, os agentes vindos do galeguismo do pré-guerra (Fernández del Riego e Ramón Piñeiro entre outros) criam a editorial Galaxia neste ano de 1950 com dous objectivos fundamentais: Por um lado, reforçarem um sistema precarizado por meio da publicaçom dos poetas clássicos da literatura galega (Rosalia, Curros, Pondal...) e da ediçom de ensaios sobre aqueles temas que *a priori* entendiam como conformadores do *ser galego* (a saudade, o humorismo...). Contodo, conscientes da neces-sidade de preencher os múltiplos défices do sistema, os homes de Galaxia taméms acolhem novos produtores (sobretodo narradores) que, como Carlos Casares, na altura experimentam com novos repertórios na linha dos aplicados polos cultivadores do "nouveau roman" na França, para além daqueles outros repertórios mais tradicionais identificados co ruralismo e girando em volta do fenómeno da emigraçom, como os utilizados por Neira Vilas nas suas *Memorias dun neno labrego*.

Por outro lado, o outro objectivo fundamental dos galeguistas de Galaxia é recuperarem a memória do passado e retomarem o projecto do álbum Nós,

para o qual editam em 1951 a revista *Grial*. Pensada como uns cadernos monográficos de periodicidade trimestral para poder así ultrapassar a proibiçom governamental de criar novas publicaçons periódicas, *Grial* foi proibida pola oficialidade franquista um ano despois e non pudo ser novamente editada, já como “Revista galega de cultura”, até o ano de 1963, chegando até a actualidade como referente

dunha cultura galega aberta, con vocación universal, non localista, no espírito da xeración Nós e do Seminario de Estudos Galegos. [...] Unha revista aberta, conectada co mundo, capaz por unha banda de relacionar entre si voces que daquela estaban dispersas e, ao mesmo tempo, de incorporar outras novas, novos creadores, a xeración que non fixera a guerra, sobre todo, e que, chegado o momento, había de tomar o relevo².

Fruito deste labor dinamizador de Galaxia, e dumha relativa abertura do regime franquista, nesse mesmo ano de 1963 a Real Academia Galega, presidida polo galeguista afim a Galaxia Sebastián Martínez-Risco y Macías, consegue a permissom governamental para comemorar no dia 17 de Maio o centenario da publicaçom de *Cantares Gallegos*, a obra com que Rosalia de Castro inicia o Ressurgimento galego decimonónico. Coa homenage a esta figura cimeira e centro canónico indiscutido do mundo referencial galeguista nasce o Dia das Letras Galegas, que a partir desse ano de 1963 estará dedicado a homenagear cada 17 de Maio as figuras que, segundo o critério da RAG, mais contribuírom para a normalizaçom cultural da Galiza – os anos imediatamente posteriores fôrom dedicados a Daniel Castelao, Eduardo Pondal, Francisco Añón, Manuel Curros Enríquez...

Mas se bem a celebraçom do Dia das Letras Galegas conseguiu dar à RAG umha relativa presenza no panorama cultural da Galiza após 1963, nom foi suficiente para legitimar a instituiçom académica perante o novo nacionalismo galego de esquerda nascido a inícios dessa mesma década de sessenta. Este nacionalismo rupturista de esquerda cria as suas próprias plataformas culturais de base (desde editoras como Xistral até associaçons culturais como O Galo ou O Facho), privilegia por meio dos produtores a elas ligados géneros como o teatro de intervençom inspirado em Bertolt Brecht e a poesia social-

-realista, como a praticada polo prolífico poeta e tamén dramaturgo Manuel María, denuncia a Longa Noite de Pedra com que desde Celso Emílio Ferreiro era identificado o franquismo, e confronta-se á Academia, acusada por este nacionalismo de formalista, folcloristá e inoperante ao limitar os seus trabalhos á publicaçom simplesmente dum "Boletín", virado para a antropología e maioritariamente em español, e a organizar apenas actos protocolares de exaltaçom da figura homenageada cada 17 de Maio.

Assi as cousas, no ano de 1970 o *proto-sistema* literário galego assiste a um sucesso de orde institucional que contribuirá para acelerar as tomadas de posicóm dos vários agentes que na altura luitam polo controlo do centro do próprio sistema. Neste mesmo ano de 1970 em que o regime franquista promulga umha Ley General de Educación que abre a porta á inclusom das "lenguas nativas" (as diferentes do español) no sistema de ensino obrigatório, a RAG promulga umhas Normas Ortográficas – coincidentes no básico coas utilizadas por Galaxia nas suas publicações – que recebem imediatamente a contestaçom do, na altura, Instituto de la Lengua Gallega (ILG) criado em 1971 na Universidade de Santiago de Compostela. Esta instituiçom universitária posiciona-se no campo científico-cultural do momento e impugna a autoridade da Academia em matéria de fixaçom normativa corregindo num sentido mais popularizante e dependente do código do español o modelo proposto pola RAG um ano antes, fazendo-o através da publicaçom em 1971 do seu método de aprendizaxe *Gallego 1*, manual este que chega ao mercado editorial da Galiza co aval do capital simbólico fornecido pola Universidade num tempo em que saem do prelo numerosos materiais pedagógicos visando umha incorporaçom do galego ao sistema de ensino que nom chegará até 1982. O ILG soma-se assi desde o espaço universitário á contestaçom da autoridade da Academia que o nacionalismo de esquerdas exercia desde o campo político, um nacionalismo que negará durante anos a legitimidade da RAG tanto para elaborar a fixaçom normativa do galego como para designar a figura homenageada cada 17 de Maio.

Neste sentido, o momento de máxima contestaçom por este nacionalismo de esquerda da autoridade da Academia para designar a persoa a quem dedicar o dia 17 de Maio produz-se na segunda metade da década de 70 co boicote

ao Dia das Letras: quando a Academia dedica o ano de 1975 a comemorar a obra do precursor Manuel Pintos, as associações culturais nacionalistas decidem homenagear ao ‘poeta da raça’, Ramón Cabanillas; no ano seguinte é Cabanillas o homenageado pola Academia, e essas mismas associações agrupadas na frente cultural da Asemblea Nacional-Popular Galega (AN-PG) escolhem como motivo de reivindicação a normalização do idioma; e o mesmo vai acontecer no ano de 1977, por mais que a RAG faga outro chamamento à adesom desse nacionalismo universitário coa escolha dum dos pais do nacionalismo galego, Antón Villar Ponte, como objecto da sua homenage institucional em 17 de Maio. O último capítulo deste questionamento directo da *auctoritas académica* para escolher a figura celebrada no Dias das Letras tem lugar em 1979, quando a RAG opta por homenagear ao poeta vanguardista Manuel Antonio e recebe a contestação na forma dum manifesto intitulado significativamente “Tirade as vosas suxas mans de Manuel Antonio”; mas já agora a oposición procede do provocador Colectivo Poético Rompente de Antón Reixa, Alfonso Pexegueiro, Manuel María Romón e Alberto Avendaño, um grupo periférico dentro desse nacionalismo de esquerda a que vimos fazendo referência.

Enfim, esta contestação directa à comemoração oficial do Dia das Letras Galegas pola RAG vai-se apagando aos poucos, e ao apoio oferecido à Academia desde a primeira hora por Galaxia – que edita algumha obra significativa ou antológica do produtor a quem se dedica a data – une-se desde 1970 a Cátedra de Lingüística e Literatura Galegas da Universidade de Santiago de Compostela (ocupada na altura polo home de Galaxia Ricardo Carvalho Calero) coa ediçom dalgum folheto sobre a figura celebrada; e também o nacionalismo cultural adere à celebração ao lado das instituições oficiais principalmente a partir da instauração do regime autonómico nos anos oitenta, promovendo nesse dia festivais, prémios literários, concursos, recitais, conferências... e toda a classe de actuações que visam o reforço do sistema em todos os seus elementos constituintes, nomeadamente na formação de públicos para a literatura galega por meio da posta no mercado editorial – na maioria dos casos co apoio das instituições autonómicas – de produtos relacionados coas figuras reivindicadas cada 17 de Maio: reeditando as suas obras e publicando numerosos monográficos críticos sobre essas mesmas figuras que se quer canonizar.

Contudo, conseguido o reconhecimento no tocante à escolha da figura a quem dedicar o Dia das Letras Galegas e o acompanhamento nas celebrações dum nacionalismo cada vez mais institucionalizado e interessado no mercado escolar e editorial, ainda ficava à Academia a consecução do acatamento da sua competência no referido ao outro dos grandes temas que apontamos acima: a fixação dum modelo normativo para o galego. Por sua parte o ILG, que ao longo dos anos setenta tinha discutido a autoridade da Academia neste ponto, unifica coa RAG a sua proposta normativa e ambas aprovam, em sessão conjunta de 3 de Julho de 1982, as *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego*, oficializadas polo governo da Galiza por meio do Decreto de Normativización da Lingua Galega em 20 de Abril do ano seguinte; fica assim estabelecido por decreto do poder político autonómico que à Academia e ao Instituto universitário corresponde, em parceria, o controlo sobre a codificação da língua estándar³. Por outro lado, em 15 de Junho desse ano de 1983 o Parlamento Galego, do qual foram expulsos três dos quatro representantes que na altura tinha o nacionalismo de esquerda, aprova por unanimidade a Lei de Normalización Lingüística hoje em vigor⁴. Na Disposición Adicional desta Lei afirma-se que

Nas cuestións relativas á normativa, actualización e uso correcto da lingua galega, estimarase como criterio de autoridade o establecido pola Real Academia Galega.

Esta normativa será revisada en función do proceso de normalización do uso do galego.

Fica assim estabelecida por Lei do poder autonómico a *auctoritas* da Academia em auséncia da maioria do nacionalismo de esquerda; um nacionalismo que desde os anos oitenta foi agrupando-se, acumulando presença social e representação institucional, que em maior ou menor grau sempre defendeu (na linha do galeguismo histórico das figuras do Ressurgimento decimonónico e da geração Nós) a reintegração lingüística e cultural num *intersistema* galego-português como horizonte e garantia de soberania cultural⁵, e que até este ano de 2003 continuou a impugnar o direito da RAG a se fazer obedecer em questões relativas à fixação normativa (polo menos fora dos campos do ensino non universitário e da Administração) e a demandar desde o âmbito sócio-cultural, político e científico um acordo geral sobre a língua que inclua

tamén a questom codicológica e, ao menos retoricamente, o respeito do direito à legítima discrepancia que assiste aos agentes empenhados decididamente na Normalizaçom Lingüística e Cultural da Galiza, entendida aqui como a consecuçom do monolingüismo social em galego.

Com efecto, até aqui fomos descrevendo o longo caminho percorrido por umha Real Academia Galega à qual o nacionalismo discutia a potestade (agora si) para decidir sobre duas questons fundamentais que afectam ao processo de normalizaçom lingüística e cultural da Galiza: num primeiro momento a canonizaçom dos seus agentes e repertórios através da celebraçom do Dias das Letras Galegas, e até este ano a fixaçom do modelo normativo do galego, no fundo a batalha simbólica da localizaçom cultural da Galiza; apontamos que no primeiro caso este caminho começo hai quarenta anos, em 1963, coa primeira celebraçom do Dia das Letras Galegas; que no segundo caso esta potestade foi delegada polo poder político da Junta da Galiza nos inícios do regime autonómico; e insinuamos que este caminho tem neste ano de 2003 um ponto de chegada fundamental, porque é justamente neste mesmo ano quando a práctica totalidade do nacionalismo galego vai assinar simbolicamente a paz coa Academia e acatar o poder que a Lei de Normalización Lingüística reserva a esta instituiçom.

Para explicitar este último punto devemos dizer antes de mais que a RAG deve a quem até o ano 2001 foi seu presidente, Dom Francisco Fernández del Riego, o labor determinante da abertura da instituiçom a muitos dos sectores culturalmente mais activos da sociedade galega; e que na sessom de despedida do velho galeguista como presidente da RAG em Novembro de 2001, o seu plenário rejeitou umha proposta no sentido de introduzir algumas mudanças na normativa oficial, proposta achegada polo ILG e os departamentos de língua galega das três universidades da Galiza e saída das conversas convocadas e moderadas pola Asociación Sócio-Pedagóxica Galega – valedora juntamente cos membros do Departamento de Língua Galega da Universidade da Corunha das posicôns lingüísticas dum nacionalismo que já representa a segunda força no Parlamento da Galiza. Por mais que várias das treze persoas que elaborárom o texto apresentado ao plenário da RAG fossem tamén membros da Academia, os motivos alegados para o rejeitamento da proposta fôrom de orde formal e de falta de protagonismo académico nas

conversas prévias, polo qual a partir desse momento foi oficialmente criada unha comissom coa participaçom de quatro representantes da Academia, um por cada departamento universitário e outro polo ILG. Todo indica que neste ano de 2003 a RAG vai introduzir nas *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego* algumhas das mudanças rejeitadas em 2001⁶.

Por outro lado, o poeta e nacionalista de esquerda Manuel María antes citado, proposto como membro da Academia em 1968 (!), leu por fim no passado mês de Abril o seu discurso de ingresso nesta instituiçom. No Dia das Letras Galegas deste ano 2003 a figura homenageada unanimemente por todos os sectores da cultura galega foi o poeta Antón Avilés de Taramancos, fundador da Asociación de Escritores en Língua Galega, da Mesa pola Normalización Lingüística, e militante e vereador responsável da área de cultura do seu concelho natal por esse nacionalismo que já agora se sente representado na Academia e obrigado polos seus ditados.

Notas

¹ Para este conceito de referente de reintegraçom, e outros que serán utilizados adiante como proto-sistema, subsistema, intersistema, norma sistémica ou referente de oposiçom, podem ver-se os trabalhos do professor e director do grupo de investigaçom Galabra (USC) Elias J. Torres Feijó, em especial “Norma lingüística e (inter-)sistema cultural: o caso galego”, *Actas do Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera. I Encuentro de Lusitanistas Españoles* (ed. Juan M. Carrasco González, M.^a Jesús Fernández García e M.^a Luísa Tindade Madeira Leal), Cáceres, Universidad de Extremadura, 2000, Tomo II, p. 967-996.

² Víctor F. Freixanes, “Conversas con Francisco Fernández del Riego e Xaime Isla Couto. Corenta anos de GRIAL”, *Grial* 157, XLI (Vigo, Galaxia, Jan.-Mar. 2003) p. 51.

³ Estas duas instâncias «poderán, previo acordo conxunto, elevar á XG [Junta da Galiza] cantas melloras estímen convenientes incorporar ás normas básicas» (DOG 20/4/83; itálicos nossos).

⁴ «A unanimidade abranxeria a AP [direita, estatal] -grupo de governo-, UCD [(centro) direita, estatal], PSOE [(centro) esquerda, estatal], PCG [comunista, estatal] e EG [esquerda, nacionalista], xa que os tres deputados da coalición Bloque Nacional-Popular Galego /Partido Socialista Galego [esquerda, nacionalista] foran expulsados en Novembro do ano anterior, ao aplicar-se-lles de forma ilegal e non prevista regulamentariamente a obriga de xurar acatamento á Constitución» (M.^a Pilar García Negro, *O galego e as leis. Aproximación sociolingüística*, Vila-Boa, Edicións do Cumio, 1991, p. 301).

⁵ Soberania cultural só possível coa aplicaçom de materiais identitários, suficientes, diferentes e concorrentes com respecto ao seu *referente de oposiçom*; eis a verdadeira questom que envolve as polémicas sobre codificaçom lingüística, a idoneidade dos materiais propostos para a consecuçom da (desejada?) normalizaçom cultural; tal e como afirma o professor Elias J. Torres Feijó (*op. cit.*, p. 970): «Na medida em que os materiais com que é (re-)construído esse sistema sejam mais ou menos suficientes e diferenciais a respecto do RO [Referente de Oposiçom], e em dependênciam do grau de competitividade em relación a esse mesmo referente, o grupo que pretende emancipar-se terá maior ou menor éxito, disporá de instrumentos que lhe permitam a emancipaçom cultural e o exercicio da sua soberania ou, polo contrario, será conduzido à regionalizaçom, à dialectalizaçom (non apenas lingüística, cultural sobretodo) ou mesmo à diluiçom dentro do espaço cultural que pretendemente quería ser impugnado».

⁶ A Academia aprovou por maioria em sessom celebrada no dia 12 de Julho de 2003 a reforma do texto das *Normas ortográficas e morfolóxicas do Idioma galego*. As mudanças introduzidas correspondem-se no básico coas propostas em 2001, ainda que rebaixadas nalgum punto concreto.

En 1963, os integrantes da Real Academia Galega propusemos que em ba dedicarle un día cada ano a un autor galego para homenaxear a todos aqueles que traballaron e traballan para enriquecer a fala e facer que esa súa viva o pleno. Escollérona a data do 17 de maio porque é a que figura no libro *Cantares Galegos*, de Rosalía de Castro. Esperárono dedicándolle a Rosalía de Castro ó nome verdadeiro *Eli Castelao*... e así, un a un, foron desfilando

moitos dos nosos melhores escritores de todos os tempos. Escritores que van desde a época medieval, como Alonso X

OS DÍAS DAS LETRAS GALEGAS

DAS LETRAS GALEGAS

O DÍA DAS LETRAS GALEGAS FOI DEDICADO A...

Rosalía de Castro
Galega, 1819 - Fadón, 1880

Castelao
Romo, 1885 - Dex Anxo, 1963

Sempre en Galiza.
Os abus de sempre

Eduardo Pondal
Pontevedra, 1863 - A Coruña, 1947

Quedameis dous prios;
Os eos

Francisco Anón
Barreiro, 1882 - Vigo, 1972

Poetas Galegos

Manuel Curros Enríquez
Culleredo, 1881 - A Habana, 1928

Alles da mala terra,
O divino santo

Florentino A. López
Cuevillas;
Garduña, 1886 - 1956

Prosas galegas

Antonio Noriega Varela
Montevideo, 1888 - Vigo, 1947

Oí orno

Marcial Valladares Núñez
A Estrada 1821 - 1923

Mazura ou a rúa espresa.

Gonzalo López Abente
Muxía, 1878 - 1963

Nemarcos.
O novo zuzo

Valentín Lamas Carvalhal
Cuntis, 1849 - 1926

Sabias das gallegas;
O calecismo do labrego

Manuel Lago González
Tui, 1895 - Santiago de Compostela, 1926

-O dentadizo oelta;
-inventámos - poemas)

Xoán Vicente Viqueira
Xove, 1898 - A Coruña, 1964

Ensaios e poesías

Xoán Manuel Pintos
Pontevedra, 1891 - Vigo, 1976

A goita galega

1976 Ramón Cabanillas
Carral, 1873 - 1950

Da fermeza caperucha.
O Marisco

1977 Antón Vilar Ponte
Vilas, 1881 - A Coruña, 1956

Pensamento e somentaria.
Excolma de artigos nacionais

1978 Antonio López Ferreiro
Santiago de Compostela, 1887 - Vigo, 1910

O castelo de Pambre.
A tocadura de Beníbar

1979 Manoel António
Barreiro, 1900 - 1930

Da catro a catro

1980 Afonso X O Sabio
Toledo, 1221 - Caxias, 1284

Cantigas de Santa María

1981 Vicente Risco
Cangas, 1884 - 1962

O porco de pé.
Teoria do nacionalismo galego

1982 Luís Amado Carballo
Pontevedra, 1891 - 1967

Prost.
O gallo

1983 Manuel Leirás Pulpeiro
Monforte, 1854 - 1912

Cantares galegos

1984 Armando Cotarelo Valledor
Santiago, 1879 - Madrid, 1960

Hortel.
Suramar

1985 Anton Losada Diéguez
Boborás, 1894 - Pontevedra, 1929

-A súa acción profunda
do galeguismo - (santiago)

1986 Aquilino Iglesia Alvarín
Madrid, 1898 - Santiago de Compostela, 1961

Sertaneja.
Comarcas verdes

1987 Francisca Herrera Garrido
A Coruña, 1889 - 1952

Nuvoda.
Altas do muller

1988 Ramón Otero Pedrayo
Cangas, 1888 - 1926

Ois camiños da vida.
A director do si

1989 Celso Emilio Ferreiro
Cangas, 1912 - Vigo, 1974

O santo suragado.
Longa noite de pedra.

1990



Luis Pimentel

Vigo, 1895 - 1983

Tristes.
Sombra do zoro na herba

1991



Álvaro Cunqueiro

Madrid, 1911 - Santiago de Compostela, 1981

Morri o familia.
Cantiga nova que se chama ribota

1992



Fermín Bouza Brei

Pontedeuma, 1901 - Santiago de Compostela, 1970

Nos santiñas.
Sotora

1993



Eduardo Blanco Amor

Ourense, 1897 - Vigo, 1979

A esmorga.
Os bisbordos

1994



Luis Seoane

Sos Anxos, 1910 - A Coruña, 1978

Rande do castiño.
Az cincánicas

1995



Rafael Ferre Couselo

Vigo, 1898 - Dumbrău, 1975

As arquibancadas do teatro.
A destra valada

1996

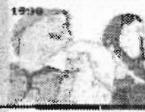


Ánxel Folgoso

Lugo, 1893 - 1966

A súa do coadá.
Terra Brava

1997



Martín Codax, Meendido e Johan de Cangas

Século XXI segundas metades

Cantigas de amiga.

1998



Roberto Blanco Torres

Casta, 1891 - Betanzos, 1955

Orbezo da mediade noite

1999



Manuel Murguía

Anxos, 1881 - A Coruña, 1922

El regionalismo galego.
Historia de Galicia

2000



Eladio Rodríguez

Lugo, 1888 - A Coruña, 1949

Oracións campesiñas.
Diccionario encyclopédico
galego-castellano

2001



Frei Martín Sarmiento

Varzana, 1865 - Madrid, 1972

Coquio das 24 galegos rústicos

2002



LETRAS GALEGAS 2003

Antón Avilés de Taramancos

XUNTA